# O que os bebés nos contam – o que os bebés nos cantam

**João Pedro Reigado[1], António Rocha[2], Helena Rodrigues[3]**
[1] CESEM-FCSH, Universidade Nova de Lisboa; AVE Dr. António Augusto Louro, Seixal, Ministério da Educação
[2] CESEM-FCSH, Universidade de Nova de Lisboa; AVE da Costa de Caparica, Ministério da Educação
[3] CESEM-FCSH, Universidade Nova de Lisboa; Companhia de Música Teatral

**Palavras-chave:** Desenvolvimento musical dos bebés; primeira infância; vocalizações musicais *versus* linguístico-verbais; análise psico-acústica.

É na primeira infância que o ser humano entra em contacto com os aspectos fundamentais do mundo em que se insere, sejam eles cores, distâncias, cheiros, gostos, toques, movimentos e sons. Existe, hoje em dia, uma preocupação crescente relativamente às actividades dirigidas aos bebés e, paralelamente, um incremento na validação de práticas educativas, em particular as musicais, no que diz respeito a esta faixa etária.

Segundo Brazelton e Cramer (1993), a música constitui um estímulo capaz de, muito precocemente, atrair a atenção do bebé. Por outro lado, também os aspectos musicais da linguagem – a altura e os padrões rítmicos presentes na estrutura prosódica da língua – captam a sua atenção, tornando-se nos primeiros componentes linguísticos a ser aprendidos.

Será então legítimo interrogarmo-nos acerca das características das primeiras vocalizações dos bebés de sentido musical, da sua relação com o contexto e estímulo envolventes, da sua pertinência e relevância para a aquisição da voz cantada.

Determinar os processos de aquisição de capacidades musicais por parte dos bebés é também contribuir para uma melhor compreensão das analogias e discordâncias entre dois tipos de vocalizações, musicais e linguísticas.

Num estudo desenvolvido por Reigado (2007), o qual assentava sobre a hipótese de que existem diferenças nas vocalizações de bebés quando expostos a cada um dos dois tipos de estímulos (musical *versus* linguístico – verbal), apurou-se, a partir da análise psico-acústica que tais diferenças podem ser observadas a partir de uma análise descritiva de certos parâmetros, a saber: quantidade, estrutura e duração das vocalizações, altura dos sons, frequência fundamental ($F_0$), e cálculo da extensão vocal de vocalização em cada situação estímulo.

A análise efectuada revelou que neste grupo de participantes existia uma determinada relação entre o estímulo e a resposta dos bebés, revelando também características relativas à natureza das vocalizações dos bebés desta faixa etária numa e noutra situação de estímulo. Efectivamente, o número de vocalizações recolhidas e identificadas como musicais, as suas especificidades no que concerne a graus importantes da escala da canção e as características distintivas relativamente às vocalizações linguísticas, possibilitam afirmar a existência de um tipo de vocalização própria para a música.

Chamar-lhe-emos "balbucio musical", utilizando a expressão de Gordon (2000), com a salvaguarda de que no futuro esta expressão genérica possa talvez vir a ser objecto de maiores especificações em função de uma possível caracterização longitudinal.